

Sesc^{tv}

EDIÇÃO N.107 / FEVEREIRO DE 2016

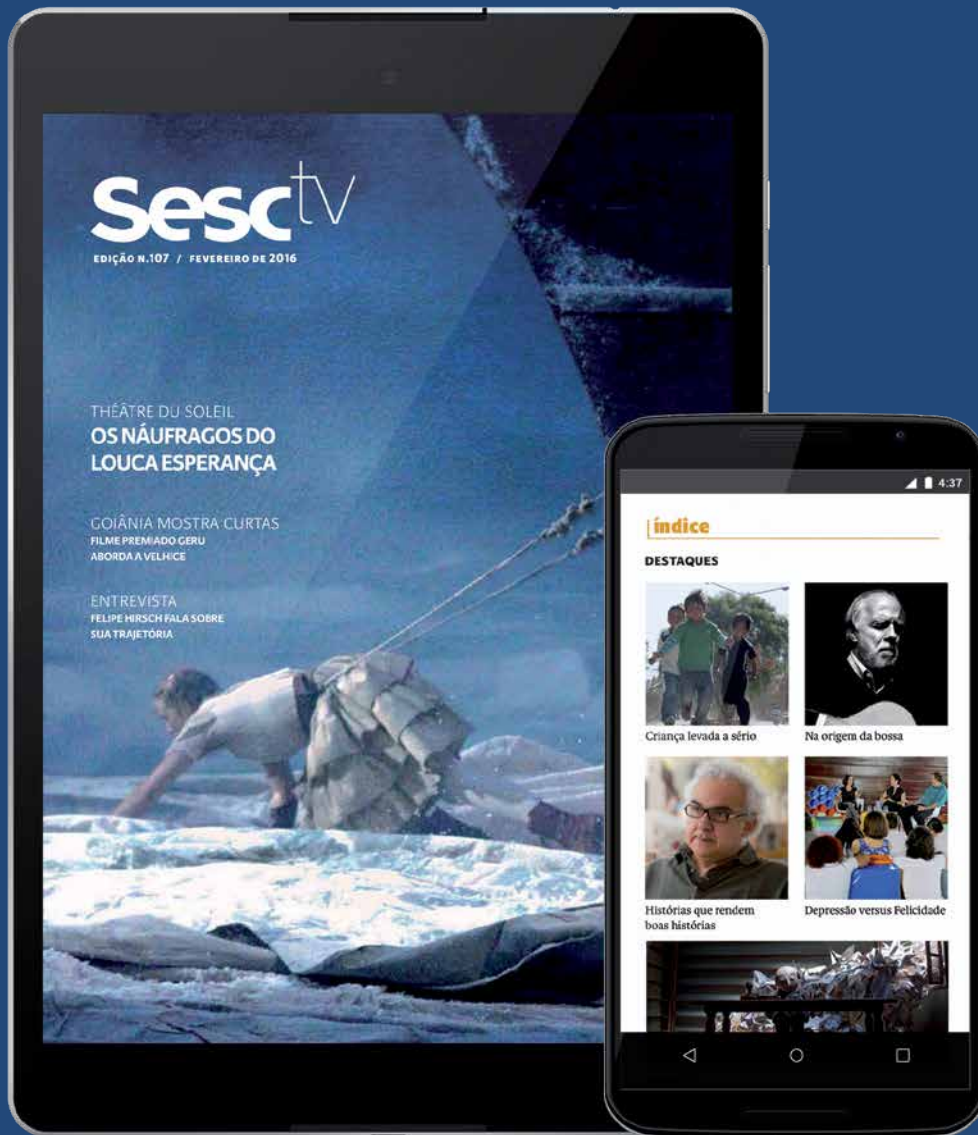
THÉÂTRE DU SOLEIL
**OS NÁUFRAGOS DO
LOUCA ESPERANÇA**

GOIÂNIA MOSTRA CURTAS
FILME PREMIADO *GERU*
ABORDA A VELHICE

ENTREVISTA
FELIPE HIRSCH FALA SOBRE
SUA TRAJETÓRIA



Agora você pode ler a revista do SescTV em tablets e smartphones



Disponível para Android e iOS



Download gratuito



índice

DESTAQUES

- 4 Quando o cinema sobe ao palco
- 6 O improviso do jazz
- 7 O silêncio e o fim

ENTREVISTA

- 8 Felipe Hirsch:
O gosto pela arte

ARTIGO

- 12 “Transversalidades” por
André Guerreiro Lopes

ÚLTIMO BLOCO

- 14 Neste mês



capa

Os Náufragos do Louca Esperança (Brasil, 2011).
Direção: Ariane Mnouchkine.
Foto: Alexandre Nunis

editorial

Confluência das artes

Danilo Santos de Miranda

Diretor Regional do Sesc São Paulo

┌
└

O processo de criação artística percorre caminhos imponderáveis. Sua dinâmica pulsante, inquieta, mutante e transformadora permite possibilidades infinitas de ressignificações, intensificadas no encontro entre linguagens artísticas distintas. Caso do teatro e do cinema, que sempre se relacionaram e, embora tenham características próprias, estão em constante diálogo, evidenciado de modo mais ou menos intenso, em sua estrutura narrativa e em suas escolhas estéticas. O cinema bebeu na fonte do teatro desde seu surgimento e, em contrapartida, também impactou as artes cênicas, através do intercâmbio de técnicas, ideias e da busca por novas formas de se expressar.

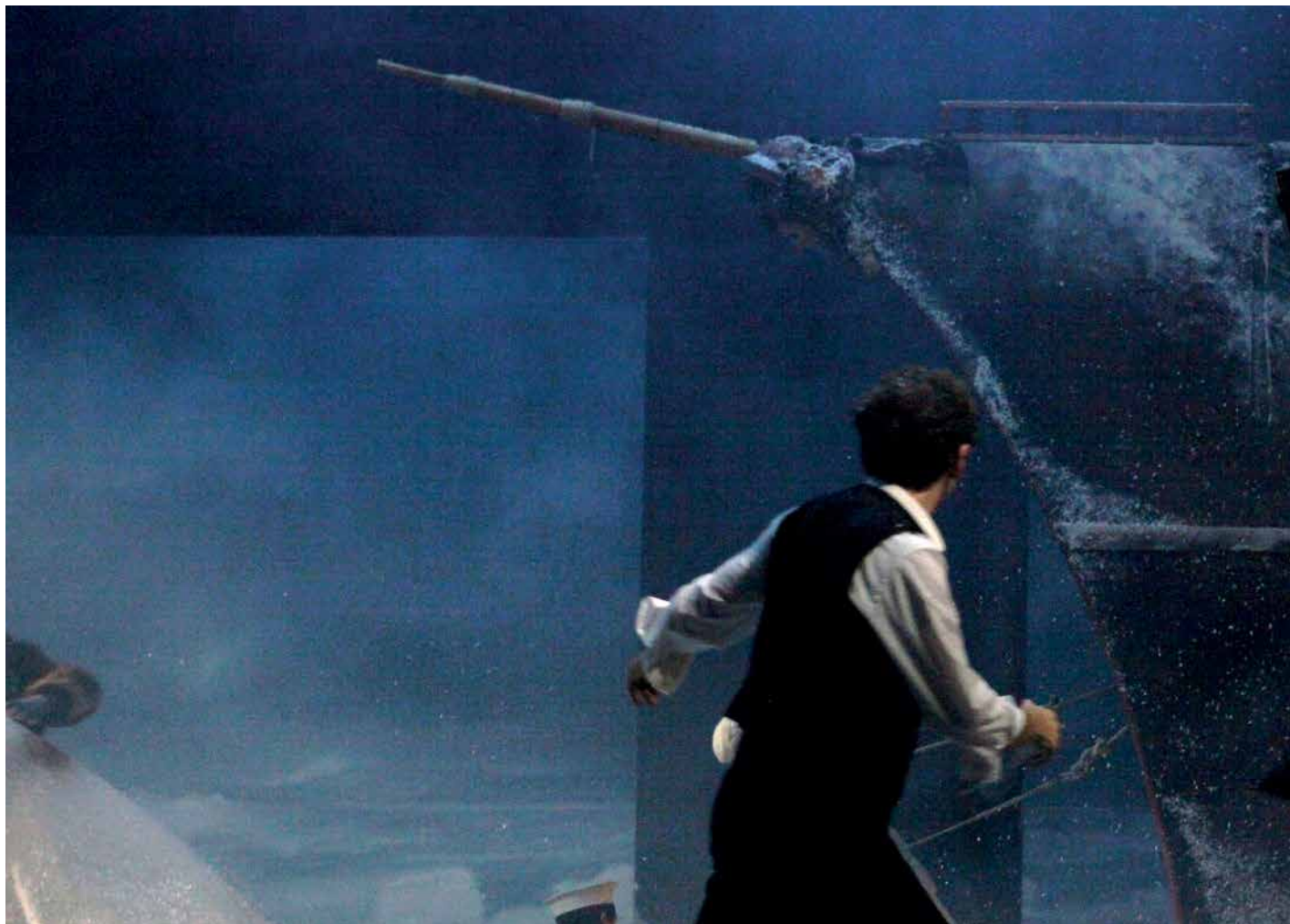
Neste mês, o SescTV exhibe a versão audiovisual do espetáculo *Os Náufragos do Louca Esperança*, da companhia francesa Théâtre du Soleil, que esteve em cartaz no Sesc Belenzinho, em 2011. Exibido em duas partes, pela primeira vez na televisão, o espetáculo traz à tona esse encontro do cinema com o teatro, ao narrar a história de um grupo de cineastas que decidem rodar um filme no qual discutem os rumos da Europa, às vésperas da Primeira Guerra Mundial.

Outras formas de encontro também pautam a programação musical do SescTV, que traz dois shows inéditos gravados no projeto Jazz na Fábrica, do Sesc Pompeia: *Anthony Braxton*, no dia 17, e *Sun Rooms + Roscoe Mitchell*, no dia 24. No caso, o encontro entre jovens e consagrados artistas, em busca de um som que seja o resultado dessa confluência de gêneros musicais de diferentes partes do mundo.

A **Revista do SescTV** deste mês entrevista o diretor Felipe Hirsch, que fala sobre seus trabalhos para o teatro, o cinema e a televisão. O artigo do também diretor André Guerreiro Lopes aborda o intercâmbio entre as artes no teatro contemporâneo. Boa leitura! ●

Quando o cinema sobe ao palco

Filme metalinguístico, feito a partir de peça de teatro que homenageia o cinema, expõe as relações entre as artes através da interação de estéticas



Os Náufragos do Louca Esperança

Desde sua origem, o cinema flerta com o teatro de forma intensa. Mesmo tendo seu início na fotografia, a narrativa cinematográfica se desenvolveu com base em estruturas cênicas, até se aprimorar e encontrar uma linguagem particular. O teatro, por sua vez, sofreu importantes transformações com a chegada e o desenvolvimento da nova arte – que unia imagem, som e movimento – e

incorporou, a partir de inovações técnicas, novas formas de criação. Hoje, é cada vez mais forte a relação entre ambos, visível no intercâmbio de ferramentas e linguagens, seja no teatro filmado, seja no uso de elementos teatrais em um filme ou de artifícios audiovisuais em uma peça.

Há momentos ainda em que uma arte homenageia a outra. Isso acontece de maneira

SESCTV EXIBE A VERSÃO AUDIOVISUAL DA PEÇA OS NÁUFRAGOS DO LOUCA ESPERANÇA, DO GRUPO FRANCÊS THÉÂTRE DU SOLEIL



FOTO: ALEXANDRE NUNIS

corriqueira no cinema, com inúmeros filmes que retratam o universo do teatro; e ocorre também no sentido inverso, caso do espetáculo *Os Naufragos do Louca Esperança*, da companhia francesa Théâtre du Soleil. Inspirada no romance póstumo *Les Naufragés du Jonathan*, de Júlio Verne, a história se passa às vésperas da Primeira Guerra Mundial, em 1914, quando uma

equipe se reúne no sótão de um cabaré à margem do rio Marne, para rodar um longa-metragem. O filme dentro da peça é dirigido por cineastas socialistas e traz um embate político e utópico sobre o futuro da Europa, ao apresentar a saga de emigrantes que deixam o País de Gales rumo à Austrália. Durante a viagem, o navio naufraga na região da Terra do Fogo, onde os sobreviventes tentam criar uma comunidade socialista.

A metalinguagem utilizada no espetáculo leva ao palco uma aula de como o cinema era feito em seus primórdios: com uma câmera de madeira e trucagens feitas de maneira artesanal. Outra curiosidade é a presença de um músico tocando ao vivo para estimular e inspirar os atores, técnica utilizada mesmo durante a gravação de filmes mudos, como retratado na peça.

Fundado em 1964 por Ariane Mnouchkine, Philippe Léotard e colegas da Escola Internacional de Teatro Jacques Lecoq, o Théâtre du Soleil trabalha com a improvisação e o teatro físico, que tem como elemento cênico principal a expressão corporal dos atores. A trupe se instalou em uma antiga fábrica de armas, La Cartoucherie, nos arredores de Paris, e transformou o local em um espaço de criação teatral de vocação popular e de residência artística, ativo desde 1970. Em mais de 40 anos, a companhia montou peças, produziu filmes, versões de seus espetáculos e percorreu o mundo, com apresentações na Europa, Estados Unidos, Canadá, Austrália, Japão, Chile e Brasil, entre outros. Por aqui, o grupo encenou *Les Ephémères*, em 2007, e *Os Naufragos do Louca Esperança*, em 2011, ambos no Sesc Belenzinho.

Ultrapassando as barreiras do palco, *Os Naufragos do Louca Esperança* foi adaptado para as telas pela própria diretora, com o elenco original. O filme, lançado em 2015 pelo Selo Sesc, tem 180 minutos e é exibido neste mês, em duas partes, no SescTV. ●



OS NÁUFRAGOS DO LOUCA ESPERANÇA
PARTE 1, DIA 26
PARTE 2, DIA 27,
22H

Brasil, 2011
Direção: Ariane Mnouchkine
Classificação:
12 anos.



Veja entrevista com a diretora:





FOTO: DIVULGAÇÃO

O improviso do jazz

Nomes consagrados do jazz norte-americano se unem a jovens artistas, em defesa da diversidade de estilos e mescla de tradições musicais de diversos cantos do mundo

“Descobri a música ainda jovem, nos anos cinquenta”, conta o compositor, multi-instrumentista e filósofo norte-americano Anthony Braxton. Nascido em 1945, o músico ultrapassou 100 álbuns gravados e é hoje uma das figuras mais representativas do jazz contemporâneo. Aos 70 anos, contudo, ainda se considera aprendiz. “Para mim, a experiência da música, aprender sobre música, tem sido parte de uma jornada espiritual e há muito mais a fazer”, comenta. Em 2013, Braxton foi um dos destaques do Jazz na Fábrica, realizado no Sesc Pompeia. O festival busca explorar as fronteiras do universo do jazz, mesclando elementos de diversas tradições musicais étnicas e populares, com experimentalismos e vanguardas.

Vindos de Chicago, Jason Adasiewicz, Mike Reed e Nate McBride se apresentaram no festival na edição de 2014, com sua banda

Sun Rooms. Além do trio, que tem em sua base o improviso, o evento contou com a participação de seu conterrâneo Roscoe Mitchell. O músico de 75 anos tem um papel importante na difusão de instrumentos de sopro de registro extremo no jazz, como os da família do saxofone e da flauta, e ainda é aclamado mundialmente como grande improvisador e compositor. Segundo ele, improvisação em alto nível é composição. “Você tem que aprender como a composição funciona. Para mim, improvisar é compor em tempo real”, conclui. Mitchell já gravou mais de 85 álbuns e registrou mais de 250 composições originais. Suas criações vão da música clássica à contemporânea, do free jazz à música de câmara. O SescTV exhibe neste mês os shows de Anthony Braxton, *Sun Rooms* e Roscoe Mitchell, gravados no Sesc Pompeia. ●



**JAZZ NA FÁBRICA:
ANTHONY BRAXTON,
DIA 17, 22H**

Brasil, 2013.
Classificação: Livre.



**JAZZ NA FÁBRICA:
SUN ROOMS +
ROSCOE MITCHELL,
DIA 24, 22H**

Brasil, 2014.
Classificação: Livre.



O silêncio e o fim

DIA 20, 22H. Direção: Fábio Baldo e Tico Dias.
Classificação: Livre.

Híbrido entre documentário e ficção, o curta-metragem *Geru* acompanha o cotidiano de Zé Dias, morador da cidade de Tomar do Geru, no interior de Sergipe, às vésperas de seu aniversário de 100 anos. Sem voz, em função da traqueostomia feita durante o tratamento de um câncer na laringe, seu Zé se comunica através de gestos e sons guturais. No filme, o avô de um dos diretores, Tico Dias, trava um embate sem palavras com a morte, materializada pela câmera de vídeo que o acompanha, questiona e revela um pouco de seu dia a dia. Segundo Fábio Baldo, outro diretor do curta, o objetivo era captar os momentos de estranhamento do personagem com a câmera. Zé Dias nunca foi ao cinema e nunca tinha visto um equipamento de vídeo, mas aceitou o desafio proposto pelo neto e seu amigo, e se permitiu, prestes a completar seu centenário, uma nova experiência. *Geru* foi exibido na 15ª edição do Goiânia Mostra Curtas, em 2015, onde recebeu o Prêmio Aquisição SescTV. ●



Dissabores de um cartão-postal

DIA 6, 22H. Direção: Paulo Markun e Sergio Roizenblit. Classificação: Livre.

O Pelourinho, em Salvador, com suas ladeiras estreitas de paralelepípedos e casas coloridas geminadas, integra um conjunto arquitetônico colonial barroco português, tombado em 1985 pela Unesco. O bairro se transformou em cartão-postal da capital baiana, mas enfrenta reveses. Segundo o cineasta Cláudio Marques, um dos problemas atuais é a grande quantidade de imóveis subocupados e vazios. “Se você tem gente morando, as ruas ficam menos perigosas”, afirma. A documentarista Marília Costa explica que o esvaziamento do bairro se deu muito em função do projeto de revitalização do Centro Histórico. “Eu trabalhava em uma escola no Pelourinho e percebi que os alunos estavam desaparecendo das salas de aula. Então resolvi ir até a casa das crianças, saber o porquê.” Ela descobriu que as famílias estavam sendo realocadas para bairros distantes e isolados do centro. Essas e outras questões são abordadas neste mês, em episódio inédito da série *Arquiteturas*. ●

FELIPE HIRSCH. DRAMATURGO E DIRETOR DE TEATRO, CINEMA E TV.

Um dos mais versáteis diretores brasileiros da atualidade fala sobre sua carreira, sobre o viés político e social da arte e seus projetos futuros

O gosto pela arte



Carlos Felipe Lopes Werneck Hirsch nasceu em 1972, no Rio de Janeiro, mas se mudou para Curitiba aos 11 anos, época em que a cidade vivia um momento de efervescência cultural. Lá, se aproximou de um grupo de artistas e começou a se envolver com teatro. Aos 21 anos, dirigiu sua primeira peça, *Baal Babilônia*, e, em 1993, fundou com o ator Guilherme Weber a Sutil Companhia de Teatro. De lá para cá, foram mais de 40 peças – incluindo uma ópera –, além de um filme e uma série para televisão. Após 20 anos de existência, a Sutil se despede e dá lugar a um novo coletivo chamado Ultralíricos, que marca nova fase de Felipe, um dos diretores brasileiros mais versáteis da atualidade, premiado em diversos festivais nacionais e internacionais.

Como você se interessou pelas artes?

Desenvolvi o gosto pela leitura muito cedo. Apesar dos meus pais serem de áreas diferentes, tínhamos uma biblioteca razoável na minha casa. Quando me mudei para Curitiba, muito ali orbitava em torno do Leminski. Eu o conheci ainda garoto e passei a seguir sua turma, pessoas de trinta anos, poetas, músicos que passaram a ser a minha turma. Foi quando li Beckett e aquilo me provocou uma sensação interessante, de tentar sentir o porquê do vazio, da solidão dos personagens. Juntei amigos e fomos fazer aquilo no teatro, de maneira irresponsável, aos treze anos. Mais tarde, na faculdade, estudei jornalismo, mas não concluí. Voltei para o Rio para estudar TV, mas sabia que não ia me formar também. Fui para ter

acesso a livros e textos mais modernos, difíceis de encontrar naquela época. Eu entrava na biblioteca às 11 da manhã e saía às 11 da noite. Fui lendo tudo que tinha ali disponível. Só depois de voltar para Curitiba é que surgiu a Sutil.

Você acredita em uma função política e social da arte?

A arte tem um papel político, mas isso não significa que ela tenha que tratar diretamente de política. O papel político existe em qualquer ideia. Se existe de fato uma ideia a ser desenvolvida, com certeza ela tocará em alguns pontos sociopolíticos. Talvez não diretamente, não abertamente, mas com certeza ela implicará questões dessa ordem. A arte se faz dessa maneira. E não só ela. Mesmo quando você fala de amor, você está falando de algum modo de uma relação pessoal de educação, onde um se educa no outro. Isso também é política. O amor é uma forma de política.

Muitos de seus trabalhos no teatro carregam esse teor sociopolítico, não?

Até um tempo atrás, eu era bem mais comportado. A Sutil tinha um cerne muito forte na criação, no que a gente acreditava naquele momento, que era trazer o jovem para o teatro e formar plateia, trabalhar com o antropofagismo pop relacionado à cultura brasileira e internacional. Acreditava que o teatro poderia por si só, pela arte e pela paixão que gera, mover mundos, trazer ondas de amor em relação às questões sociais, para com o próximo. O ato de fazer com que a arte fosse muito





RAIO-X

**FELIPE HIRSCH,
RIO DE JANEIRO**

Áreas

Teatro, Cinema e
Televisão

Trabalhos

- *Ultralíricos*, 2013
- atual
- Série *A Menina Sem Qualidades*,
2013
- Filme *Insolação*,
2009
- Sutil Cia. de
Teatro, 1993 - 2013



**“Todos meus
trabalhos evi-
denciam fases da
minha vida”**



“Acreditava que o teatro poderia por si só, pela arte e pela paixão que gera, mover mundos, trazer ondas de amor em relação às questões sociais, para com o próximo.”

“Mesmo quando você fala de amor, você está falando de algum modo de uma relação pessoal de educação, onde um se educa no outro. Isso também é política. O amor é uma forma de política.”

»»

impactante sobre o público movia minha crença. Hoje eu ando meio malcriado. Meus projetos atuais estão ligados à literatura mais enraizada em questões sociais e políticas. O discurso é mais claro, mas sem nenhum tipo de bandeira. Tenho pesquisado o que as últimas gerações têm escrito sobre o Brasil e a América Latina, e fico feliz em poder divulgar que existe um pensamento crítico de ponta, genuíno, num contexto mundial, nesse continente.

O que o levou a explorar novas linguagens, como o cinema e a TV?

Tenho grande paixão por filmar. Só não filmo mais porque me divido em muitos projetos, e cinema tem uma estrutura de produção mais complexa para ser montada, leva um tempo maior, e você fica anos concentrado nisso. Mas tive muito prazer em fazer meu primeiro filme, *Insolação*. Eu e Daniela Thomas pensamos durante anos e decidimos que queríamos fazer um filme sobre utopias e sobre arquiteturas esquecidas. O centro do país estava muito ligado a isso. O resultado de tudo foi um filme complexo, mas do qual me orgulho. Ficou dentro do que a gente propunha – reflexão e não entretenimento – e foi muito bem, passou por 13 festivais internacionais. Tenho planos de repetir a experiência. Gosto dessa mistura do que é fazer cinema e o que é fazer televisão.

Como foi produzir para televisão?

O projeto da série *A Menina sem Qualidades* surgiu de uma maneira lindamente irresponsável. Existia uma diretoria da MTV Brasil que foi sonhadora, utópica, e eles sabiam que o canal

ia acabar. Como queriam produzir uma ficção, me chamaram para fazer isso. Confiaram tanto em tudo que eu apresentei a ideia na semana seguinte, e eles aprovaram. Foi uma loucura, me deram um mês de prazo. Fui para um galpão e lá começamos a desenvolver. Escrevemos tudo em um mês e meio, entre dezembro e fevereiro. Em maio a série já estava no ar. Produzimos e filmamos em três meses. É um tipo de gente muito rara que confia nos artistas, dá liberdade, tem confiança e não fica com medos e receios, pensando que o público não vai gostar. Foi um grande sucesso para o canal.

Você nota semelhanças estéticas em seus trabalhos no teatro, no cinema e na TV?

As semelhanças estéticas em meus trabalhos acontecem porque geralmente eu me concentro numa ideia, desenvolvo um conceito para ela e vou buscando formas e linguagens para que essa ideia seja traduzida. A peça *Não Sobre o Amor*, por exemplo, está muito ligada ao filme *Insolação*. Todos os meus trabalhos evidenciam fases da minha vida. Durante a produção das peças *Puzzle*, finalizadas no ano passado, e *d’A Tragédia Latino-Americana e A Comédia Latino-Americana*, que estreiam este ano, eu estava muito mergulhado nos ilustradores expressionistas e nas obras do Dalton Trevisan. Normalmente, eu acabo estendendo minhas referências a outros projetos em diferentes meios, seja no teatro, em uma ópera, no cinema ou na TV.

É possível notar uma diferença no público e na recepção que ele tem ao ver uma peça, uma série ou um filme?



TRÊS MOMENTOS DE FELIPE HIRSCH

FOTO: DIVULGAÇÃO



■ Filme *Insolação* (2009)

FOTO: DIVULGAÇÃO



■ Série *A Menina Sem Qualidades* (2013)

FOTO: CHRISTIANA CARVALHO



■ Espetáculo *Puzzle* (2013)

As diferenças existem e são muitas. Elas estão relacionadas a hábitos. Por exemplo, eu nunca fui muito ligado à televisão. O eletrodoméstico não emplacou na minha casa, desde criança. Por outro lado, sou um pouco dinossauro de cinema. Gosto do ritual de apagar a luz, da tela grande. Talvez por isso eu não consiga ver filme em casa. Só vejo quando preciso estudar alguma coisa. A experiência é diferente. Acho que existe uma diferença tanto em sensibilidade quanto em interesse. Isso não quer dizer que o público não possa migrar e se relacionar com outras linguagens. Existem diferenças de interesses, mas acredito que não devemos nos preocupar com isso, porque as fronteiras podem ser mais nubladas. Elas não precisam ser tão pragmáticas.

Você tem aberto o processo criativo de suas peças de teatro recentemente. Acha que é possível fazer isso com o cinema?

O cinema é um pouco mais hierárquico em toda sua estrutura. O que faz com que as pessoas não se acostumem muito com a ideia de um cinema mais coletivo. Isso é uma pena. Ele tem se tornado, entre aspas, profissionalmente mais americano, pensando num modelo industrial. Isso traz coisas boas, mas também muito ruins. Fazer cinema no Brasil ainda é caro e muitos da nova geração de diretores brasileiros vieram do mercado publicitário, com outra dinâmica de produção. Seria ótimo experimentar e fazer alguma coisa coletiva, ou que abra para pessoas acompanharem. É difícil, mas não impossível.

Quais são seus próximos passos no cinema e na TV?

Eu tenho três roteiros prontos. Um, ainda em estudo, de uma série que fiz com vinte autores latino-americanos, envolvendo muita gente boa, como Alan Pauls, Alejandro Zambra, Leonardo Padura Fuentes, João Gilberto Noll, entre outros; para mim, a melhor coisa que já fiz na vida. Tenho também um roteiro adaptado do livro de um autor que gosto muito, Rodrigo Rey Rosa, que acho uma delicadeza. Estou analisando quando vou filmar. Por fim, tenho um filme com roteiro do Bernardo Carvalho e com o dinheiro já captado. Preciso fechar o elenco. Ele se chama *A Última Juventude*. ●

Transversalidades: O intercâmbio entre as artes no teatro contemporâneo

André Guerreiro Lopes é ator e diretor de teatro e cinema. Estudou audiovisual e teatro no Brasil e na Inglaterra. Dirigiu curtas-metragens e foi assistente de direção de Robert Wilson na montagem de *A Dama do Mar*, em 2013, no Sesc Pinheiros

por André Guerreiro Foto Ed Figueiredo (*A Dama do Mar*, Sesc Pinheiros, 2013)

Para o bem ou para o mal, um dos principais aspectos do teatro contemporâneo é seu caráter fronteiriço, híbrido, uma arte que se ergue na dissolução das fronteiras entre as diversas artes. Inúmeros criadores exploram essa transversalidade que, se por um lado pode alimentar certo fetichismo vazio – não são raros os casos –, por outro gera experiências artísticas únicas.

Em meus espetáculos e filmes, o entrecruzar entre teatro, audiovisual e artes plásticas é uma constante. Atraio-me por esses encontros, pois geram uma incompletude, um estranhamento, um espaço poético que convida o público a ativamente preenchê-lo com sua imaginação. O espectador, na verdade, é o grande cúmplice nessas criações.

Essa tendência pelo intercâmbio no teatro não é nova. Trata-se de uma arte de natureza porosa, sempre absorveu os princípios e as tecnologias disponíveis de seu tempo. Mas o desenvolvimento do hibridismo como linguagem, estética e postura política é obra do século 20. Devemos em grande parte a liberdade formal contemporânea às experimentações e ousadias dos grandes reformadores das artes cênicas do século 20 (Meyerhold, Craig, Decroux, Artaud, Appia, Copeau, entre outros) que, ao rebelarem-se contra um teatro demasiadamente literário e de reprodução realista da vida, abriram a caixa de Pandora do chamado Teatro Total, o teatro do encontro entre todas as artes. A arte do movimento, as artes plásticas, o cinema, a arquitetura, a poesia, a música, a dramaturgia e tantas outras formas artísticas

passaram a se relacionar de forma horizontal nesse novo teatro, buscando uma arte única, insubstituível, inclassificável, transgressora. Tal visão, radicalizada nos anos 1970 por criadores como Bob Wilson, encontra sua voz nos palcos ainda hoje.

Para nós, criadores, os desafios não são poucos nesta empreitada. Trabalhar com multilinguagens é entender o paradoxo: quanto mais híbrida e contemporânea é a proposta, mais necessário é voltar-se para as tradições, para o conhecimento profundo da natureza e fundamentos essenciais de cada uma dessas artes. A criação contemporânea está estreitamente ligada, a meu ver, a uma formação “clássica”. Para uma arte se embrenhar em outra e deixar-se contaminar, ela antes de tudo deve afirmar, com toda força, o que a define.

No caso do cinema, por exemplo, a questão da verossimilhança é central. Os universos retratados, sejam realistas ou fantásticos, precisam ter *aparência* de realidade, precisam ser intuídos como verdadeiros. As coisas precisam ser mostradas, não apenas imaginadas (não por acaso, o cinema já foi definido como a “arte da mostração”). Já o teatro é a arte da *sugestão* por excelência. Para além de mostrado, algo deve ser sugerido. O público, em um pacto lúdico, imagina a realidade. A rigor, com um palco vazio e bons atores pode-se recriar o mundo.

Portanto, em obras que exploram a intersecção entre cinema e teatro, a articulação destes dois conceitos - verossimilhança e

sugestão - é incontornável. No filme *Dogville*, exemplo de experimento cine-teatral bem sucedido, o diretor Lars von Trier resolve esse problema estabelecendo um relação de compensação: quando um conceito avança o outro recua. A sugestão teatral é levada ao extremo, em vez de cenário, linhas no chão sugerem todo um vilarejo, não há paredes, horizonte, quase tudo é imaginado pelo espectador. Mas a verossimilhança se impõe por compensação, através da direção de atores. Com um naturalismo visceral, uma realidade emocional é tão fortemente criada que, após o estranhamento inicial da estilização espacial, a sugestão deixa de ser o foco, passamos a acompanhar a verdade da angustiante trajetória da protagonista. Se nesse filme as atuações fossem também estilizadas teríamos uma “somatória de sugestões”, possivelmente entrando no inverossímil terreno do “teatro filmado”, um Frankenstein que não existe nem como cinema nem como teatro.

Já nas artes cênicas, a pesquisa de intersecção de linguagens deve, necessariamente, estar presente no corpo de seu único elemento essencial: o ator. Por mais tecnológico e inventivo que o espetáculo seja, se o ator não acompanha essa dimensão com sua atuação, a tecnologia e o hibridismo estranhamente se apresentam decorativos, inapropriados, artificiais. Voltamos

novamente à questão da formação. Os desafios técnicos para o ator do teatro contemporâneo são imensos, possivelmente ainda maiores que os do teatro tradicional. Com o uso de vídeo projeções, câmeras ao vivo e microfones, seu corpo será expandido, mutilado, multiplicado, sua voz precisará simultaneamente de projeção e modulação íntima, irá contracenar com atores ao vivo e espectros, projeções, ausências. Sem o suporte da dramaturgia linear, o ator precisará alternar-se rapidamente entre naturalismo e estilização, combinar estados emocionais extremos e formalismo. Portanto no Teatro Total o ator deve ser igualmente completo: ao mesmo tempo ator de cinema, dançarino, mímico, cantor.

Marcel Duchamp foi o grande guru da arte pós-moderna, com suas rupturas radicais com o passado e questionamentos sobre a natureza da arte que abriram espaços de liberdade importantíssimos, dando forma a uma arte puramente conceitual. Mas no palco uma ideia tem que encontrar sua materialidade, pois é necessário dar forma ao invisível. O paradigma para a criação no teatro de multilinguagens, para mim, não é duchampiano, mas renascentista. Um domínio múltiplo, que atravessa ciência, humanas, artes, geometria, ofício. Em outras palavras, a conjugação de precisão técnica, conhecimento das tradições e loucura. •





dias 5, 12 e 19, 21h

LOGOS DIÁLOGOS – PARTES 1, 2 E 3. Direção para TV: Antonio Carlos Rebesco. Classificação: Livre. Com interpretação e concepção do violoncelista Dimos Goudaroulis, o programa apresenta oito coreógrafos e companhias de dança de vários países que constituíram a coreografia para as seis Suítes de Bach.

dia 7,
21h30

**INSTRUMENTAL
SESC BRASIL**

Brasil. Direção para TV: Max Alvim. Classificação: Livre.

O guitarrista Ulf Wakenius, o organista Leo Corradi e o baterista Tony Match homenageiam o músico norte-americano Wes Montgomery, lenda máxima do jazz, em episódio da série *Instrumental Sesc Brasil*. Admirado por BB King, Montgomery, morto aos 45 anos, compôs e participou dos arranjos de músicas como *Sunny*, *Light My Fire*, *Aquarela do Brasil* e *Besame Mucho*, que o trio apresenta no show, gravado em maio do ano passado no Sesc Consolação.

dias 11, 12,
13, 14 e 18

**SEMANA DE ARTE
MODERNA DE 1922**

Brasil. Direção: Vários. Classificação: Livre.

Para relembrar a Semana de Arte Moderna de 1922, o Sesc-TV exibe o espetáculo de dança Vila Tarsila, da Cia Druw (dia 11, 11h), o programa Movimento Violão Sinfônico: Heitor Villa-Lobos (dia 12, 12h), e o episódio da série Na Sombra da História: Semana de 22 (dia 13, 15h30). O concerto de música clássica de Caio Pagano e Quarteto de Cordas de São Paulo, com obras de Heitor Villa-Lobos, (dia 14, 18h) e Coleções – Palcos Brasileiros: Theatro Municipal de São Paulo (dia 18, 21h) completam o especial.





dia 10,
22h

ESPECIAL CARNAVAL

Brasil. Direção para
TV: Daniel Pereira.
Classificação: Livre.

Para celebrar a semana de carnaval, o SescTV apresenta uma programação especial, como o show do sambista baiano Clementino Rodrigues, ou Riachão, que canta clássicos do samba como *Vá Morar com o Diabo* e *Chô Chuá (Cada Macaco no Seu Galho)*. Além dessas, o músico mostra canções inéditas de sua autoria, em apresentação gravada no Sesc Pompeia em 2013.

dia 21, 14h

JUVENTUDE EM FOCO

Brasil. Direção: Isa Grinspum Ferraz. Classificação: 10 anos.

O episódio *Movimentos Sociais* da série *Galáxias – Olhares sobre o Brasil* faz parte do Especial Juventude, que vai ao ar no dia 21, junto a outros programas sobre o tema. Pensadores comentam o papel dos jovens na reivindicação de mudanças sociais e políticas.



FOTO: MÍDIA NINJA



SESC – SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO
Administração Regional no Estado de São Paulo

PRESIDENTE DO CONSELHO REGIONAL
Abram Szajman

DIRETOR DO DEPARTAMENTO REGIONAL
Danilo Santos de Miranda

A revista SescTV é uma publicação do Sesc São Paulo sob coordenação da Superintendência de Comunicação Social.

Distribuição gratuita.

Ninguém está autorizado a vender anúncios.

COORDENAÇÃO GERAL

Ivan Giannini

SUPERVISÃO GRÁFICA

Hélcio Magalhães

REDAÇÃO

Adriana Reis e João Cotrim

EDITORIAÇÃO

Thais Mendes

REVISÃO

Marcelo Almada

PROJETO GRÁFICO

Marcio Freitas e Renato Essenfelder

REVISTA DIGITAL

Ana Paula Fray, Larissa Carvalho e Marilu Vecchio



DIREÇÃO EXECUTIVA

Valter Vicente Sales Filho

DIREÇÃO DE PROGRAMAÇÃO

Regina Gambini

COORDENAÇÃO DE PROGRAMAÇÃO

Juliano de Souza

COORDENAÇÃO DE ADMINISTRAÇÃO

Carlos Padilha

COORDENAÇÃO DE COMUNICAÇÃO

Adriana Reis

DIVULGAÇÃO

Jô Santina, Jucimara Serra e Glauco Gotardi

ESTAGIÁRIA

Carolina Pulice

Sincronize seu celular no QR Code e assista ao vivo a programação do SescTV



Assista também pelo site sescvtv.org.br/aovivo

Acompanhe o SescTV: sescvtv.org.br



/sescvtv



Baixar grátis essa e outras publicações do Sesc São Paulo disponíveis em



Envie sua opinião, crítica ou sugestão para: atendimento@sescvtv.sescsp.org.br

Leia as edições anteriores em: sescvtv.org.br

Este boletim foi impresso em papel fabricado com madeira de reflorestamento certificado



Jaques Morelenbaum

27/3 | domingo | 21h30



Foto: Piu Dip

Assista online:

sesctv.org.br/aovivo



/SECTV